


ADEUS À
INOCÊNCIA



ADEUS À INOCÊNCIA

O QUE A VIDA ESPERA DA GENTE É UM
POUCO DE CORAGEM...

DRUSILLA CAMPBELL

Tradução
Robson Falchete Peixoto



Esta edição foi publicada sob acordo com Grand Central Publishing, New York,
New York, USA.

Título original: Little girl gone
Copyright © 2012 by Drusilla Campbell
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos
são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e
acontecimentos reais é mera coincidência.

1ª impressão — 2013

Produção Editorial:

Equipe Novo Conceito
Impressão e Acabamento RR Donnelley 081113

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Campbell, Drusilla

Adeus à Inocência / Drusilla Campbell; tradução Robson
Falchetti Peixoto. -- 1. ed. -- Ribeirão Preto, SP : Novo
Conceito Editora, 2013.

Título original: Little girl gone.
ISBN 978-85-8163-276-6

1. Ficção norte-americana I. Título.
13-06053

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

PARA NIKKI

Agradecimentos

FAMÍLIA, AMIGOS E COLEGAS que eu amo e respeito: no final, estes são quem mais importam para mim. Sem todos vocês, *Adeus à Inocência* seria apenas uma conversa em minha cabeça. Eu sou grata...

... por todas as pessoas da Grand Central que a tornam uma boa empresa para se trabalhar: Jamie Raab, Emi Battaglia, Beth de Guzman, Jennifer Reese, Siri Silleck, Liz Connor, que dedica muito tempo e cuidado a minhas capas, e minha editora, Karen Kosztołnyik.

... por minha agente, Angela Rinaldi, cujo suporte tem feito a diferença.

... pela distração dos jantares de família, festas de aniversário e os jogos do Charger vs. Steeler naqueles domingos insanos com Isabelle, Matt, Grayson, Nikki e Addy; cupcakes no forno, cães correndo no quintal desenterrando o gramado novo e o feliz caos geral de vidas não fictícias, mas reais.

... por Rocky Campbell, meu assessor, conhecedor da mídia e “o cara” para todas as coisas eletrônicas.

... por Margaret Ellen, que fechou uma casa e abriu outra,
e permaneceu feliz.

... por Judy Reeves, San Diego Writers Ink e as Senhoras
da Associação Arrowhead, que inspiraram, divertiram e
me mantiveram na linha. E, finalmente,

... por Art, o cara vestindo *kilt*, o amor da minha vida e
ainda meu herói.

1

Capítulo

MADORA WELLES TINHA 12 anos quando aprendeu que algumas garotas têm sorte na vida, e outras nem tanto. No dia em que seu pai foi a pé para o deserto, ela aprendeu que a sorte pode esgotar-se num único dia. Depois disso, não houve mais papai contando toda a história de *João e o pé de feijão*, do início ao fim, em um minuto cravado. Não houve mais mamãe toda sorrisos de prontidão com um cronômetro para certificar-se de que ele não trapaceasse. Garotas de sorte não tinham pais que mudavam de felizes para tristes, de tranquilos para furiosos ao extremo, no intervalo de uma hora, trancavam-se no galpão e golpeavam coisas com um martelo. Nenhuma garota de sorte já teve um pai que foi para o deserto e meteu uma bala na cabeça.

Yuma, Arizona: a cidade se posta como uma rede nas planícies desérticas. Edifícios térreos, restaurantes de fast-food em cada esquina, poeira, calor e vento, muitos militares e um time de beisebol muito bom. Isso é tudo.

A mãe de Madora, Rachel, dizia que Yuma matou seu marido, dizia que a estava matando também. Para salvar-se, ela ligava a televisão,

entrava nas histórias de outras pessoas e se perdia. Por muito tempo ela se esqueceu de se preocupar com a filha. Negligenciando a escola, bebendo e atirando-se no rio de drogas que corria pelo centro de Yuma, Madora tinha 17 anos quando conheceu Willis Brock.

A melhor amiga de Madora era Kay-Kay, uma garota de família com uma sorte pouco melhor que a dela. Em vez de usar uma arma, o pai de Kay-Kay bebeu por muitos anos até morrer, quando ela e Madora se grudaram uma na outra como gêmeas separadas no nascimento. Rachel percebeu encrenca ao vê-la entrar pela porta mascarando chiclete e cheirando a tabaco, mas a essa altura Madora já parara de ouvir a mãe. Rachel adormeceu em frente à televisão, na velha poltrona reclinável La-Z-Boy¹ que ainda cheirava a Old Spice.²

Madora, Kay-Kay e um garoto chamado Randy, que conhecia alguém que conhecia outro alguém que tinha um carro, seguiram para o sul de Yuma, adentrando o deserto próximo à fronteira, onde, tinham ouvido falar, havia uma casa de festas e muito agito. Rachel dissera mil vezes à filha que ficasse longe da fronteira, mas, nos anos após o suicídio do pai, a vida de Madora fora só fuga e rebelião; e as drogas e o cenário remoto a estimulavam. Até chegarem os motociclistas, ela se divertia bebendo uísque diretamente na garrafa e fumando maconha, adotando as sugestões sociais de Kay-Kay. Inconscientemente, ela copiava da amiga a postura de ombros descaídos, ressabiada e atenta a não rir demais ou muito alto. Não que houvesse muita graça em festas assim; e o que passava por conversa eram insultos e impertinências, discussões e despropósitos, queixas intrincadas e comparações dessa noite com outras, dessa erva com o bagulho que fumaram na semana anterior.

O pensamento de Madora não era nem introspectivo nem analítico, mas ela sabia que era diferente de Kay-Kay e dos vagabundos em torno dela e desejava não ser. Ela queria erradicar de si mesma a

¹ Uma das maiores fabricantes de móveis dos Estados Unidos. (N. T.)

² Marca de produtos de cuidados pessoais para homens. (N. T.)

parte que era como o pai: um sonhador, um esperançoso, uma pessoa de fazer pedidos às primeiras estrelas. Na festa aquela noite no deserto, ela guardou para si as noções românticas e perduráveis que flutuavam no fundo de sua mente. Não importavam as probabilidades contra isso: um bonitinho entraria pela porta e olharia para ela do mesmo jeito que seu pai algum dia olhara, e ela se sentiria como algum dia se sentiu, como a garota mais sortuda do mundo.

Depois das 11 horas, porém, chegaram os motociclistas. Vozes se ergueram, e o ar estalou, a música ficou mais alta, e a antiga casa em ruínas vibrou ao ritmo do baixo.

Kay-Kay colocou a boca perto do ouvido de Madora, a respiração era uma tira oleosa de uísque.

— Eu vou lá. — Estava muito barulhento, e ela teve de repetir. — Aqueles caras, eles trouxeram anfetamina. Vou lá experimentar.

Madora estivera bebendo e puxando fumo a noite toda. As palavras de Kay-Kay não entraram realmente na sua cabeça; mas o que a amiga fazia ela queria fazer igual.

— Eu também.

Num espaço junto à sala de estar, sentaram-se no chão diante de um barbudo com um incisivo de ouro que disse chamar-se Jammer. Homens e garotas, cabeludos e skinheads, tatuados e de jaquetas de couro, todos estranhos a Madora, recostavam-se uns contra os outros, de pé ou agachados com as costas na parede. Jammer usava uma regata preta tão justa que marcava os músculos mais que desenvolvidos de seus braços, ombros e peito, e suas mãos tinham cicatrizes de queimadura. Segurava um cachimbo de uns 15 centímetros com um bulbo na extremidade e jogava a chama de um isqueiro por baixo do vidro, tomando cuidado para não o tocar com o fogo, girando o cachimbo enquanto o fazia.

Madora presenciava fascinada o cubo âmbar-claro dissolver-se dentro do bulbo. Sentiu o lábio doer e se deu conta de que o estava mordendo. *Eu não devia estar aqui*, pensou, e olhou para Kay-Kay.

Um sinal de que a amiga queria ir embora e Madora teria disparado num instante. Mas Kay-Kay estava hipnotizada pelo cachimbo na mão de Jammer. Ela se inclinou para a frente, observando avidamente enquanto Jammer virava e rolava o cachimbo. Uma gota de saliva ficou suspensa de seu lábio inferior.

Os outros ali passavam um baseado e falavam baixinho; Madora ouvia ocasionalmente alguém rir. A porta para o restante da casa estava fechada, mas por debaixo dela se podia sentir a batida da música. Na sala esfumaçada, seus olhos lacrimejavam e a visão se turvava. Um homem agachou-se atrás dela, pressionando os joelhos em suas costas. Segurou-lhe os ombros e exortou-a a reclinar-se.

— Relaxa, belezinha, você vai adorar isso.

Jammer segurou o cachimbo na direção de Madora, e Kay-Kay deu-lhe uma suave cotovelada e um sorriso de encorajamento. Madora pensou numa festa de aniversário, o momento de expectativa pouco antes de o bolo ser iluminado e de a cantoria começar.

O homem atrás dela acariciou-lhe o braço, correndo os dedos ao longo de seu ombro e subindo até os cabelos.

— Não tenha medo. Vou cuidar de você — sussurrou ele.

Ela pegou o cachimbo entre os dedos e colocou os lábios em volta do tubo. Começou a inalar, mas, assim que o fez, voltou-lhe a imagem da festa de aniversário, e ela viu seu pai segurando o bolo; ela tinha 6 anos novamente, e, acontecesse o que acontecesse, papai sempre cuidaria dela. Sua garganta se fechou, a mão subiu e atirou o cachimbo no chão. Alguém gritou, e a cabeça dela explodiu em luzes brancas, e não houve grito nem conversa, música em lugar algum, apenas uma dor ardente como se sua cabeça fosse um ovo e alguém o tivesse jogado contra a parede.

Levantou-se com esforço, caiu de joelhos e ergueu-se novamente. Alguém a agarrou e a empurrou contra a parede. Mãos tatearam na frente de sua camiseta, ela se debateu e tentou gritar, mas sua garganta e pulmões haviam se fechado, paralisados. Mais mãos

agarraram-lhe os braços e arrastaram-na pelo chão; suas sapatilhas se soltaram dos pés, e seus calcanhares descobertos se agitaram com violência sobre o linóleo rasgado. Uma porta se abriu, e ela avançou caindo para uma cortina de ar fresco. Alguém a empurrou para uma cadeira, e ela se sentou enrijecida, lutando para respirar.

— Fique com ela — rosnou uma voz.

— Puta merda, você está bem? — Veio de longe a voz de Kay-Kay.

A face esquerda de Madora se contraía em espasmos, enquanto o olho piscava loucamente.

— Quer que eu ligue para sua mãe? Ó céus, Madora, não posso chamá-la aqui.

Madora queria interromper os espasmos, mas sua mão não conseguia encontrar o rosto.

— Ninguém vai sair da festa para levá-la para casa.

As mãos, os pés e a cabeça dela estavam atados por cordas. Ela sacudiu a cabeça como uma marionete.

— Jammer disse que você só inalou forte demais. Sortuda, hein? Está ouvindo, Mad? Ele disse que apenas uma em cada trilhão de pessoas reage mal como você. Podia ter morrido. Nem acredito na sorte que teve.

Alguém mexia seu cérebro com uma colher de pau.

— Ninguém quer ir embora ainda, e, de todo jeito, Jammer disse que você vai se sentir melhor.

Então ela ficou sozinha na varanda anterior da casa. Um coioote cruzando o terreno parou para olhá-la, o luar refletido em seus olhos amarelos. Kay-Kay retornou e sentou-se ao lado dela por alguns instantes, segurando-lhe as mãos suadas, e depois entrou de volta na casa.

A temperatura do deserto caiu, e o ar frio e seco pairava sobre tudo. O suor no corpo de Madora secou, e ela estremeceu; seus dentes tiritavam como ossos dentro de um saco de papel. Ela flexionou as pernas, os pés sobre a cadeira e envolveu os joelhos com os braços. Descansou o rosto sobre os joelhos e tentou fechar os olhos,

mas as pálpebras saltaram como se tivessem molas. Na casa, alguém desenterrara o CD de uma gravação antiga do The Doors. Os *riffs* de teclado orquestravam seus sentidos, e a batida penetrava-lhe profundamente. Seus músculos doíam com isso.

Luzes de carro riscavam os cactos e opúncias de ponta a ponta. Por um momento, ela ficou cega, depois a visão se turvou, e a figura vindo em sua direção pareceu emergir da água como algo abençoado, uma visão sagrada. Sem saber por quê, ela tentou levantar-se da cadeira onde estava encolhida. As pernas vacilaram sob o corpo, e ele estendeu a mão, ajudando-a a equilibrar-se.

— Ei, garotinha, é melhor ficar sentada.

Ela viu dois dele, às vezes três, flutuando como uma miragem; mas sua voz era clara e forte. Abaixo desta, a batida estalando e os *riffs* de teclado enfraquecendo até parecerem vir de lá longe no deserto, onde devia haver uma festa acontecendo, mas nada disso a preocupava mais.

— Não tenha medo, garotinha. Willis não vai deixar que nada de ruim lhe aconteça.